

Praticas da educação informal em sociedade

1. Introdução e material de apoio

Paulo Freire já declarava: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo"

O asserto acima expressa de maneira concisa o ideal a ser desenvolvido com a realização da atividade sugerida na disciplina de Introdução aos Estudos da Educação. A partir do conceito de educação Informal, utilizou-se o soneto 12 de William Shakespeare (apresentado adiante) como material exórdio de execução do afazer, que consistiu na realização das seguintes etapas:

Etapa 1 : preparar o material de leitura contendo o soneto;

Etapa 2 : contactar uma pessoa de interesse para praticar os processos de educação informal, que consistem na leitura do soneto, observação das reações e praticas de aprendizado mutuo através de interpretações do locutor e convidado;

Etapa 3: Junto aos seus dados fundamentais, descrever o processo interlocutório e efetuar um fechamento conjunto entre os enredados.

Soneto 12

Quando a hora dobra em triste e tardo toque **A**

E em noite horrenda vejo escoar-se o dia, **B**

Quando vejo esvair-se a violeta, ou que **A**

A prata a preta têmpera assedia; **B**

Quando vejo sem folha o tronco antigo **C**

Que ao rebanho estendia a sobra franca **D**

E em feixe atado agora o vejo trigo **C**

Seguir o carro, a barba hirsuta e branca; **D**

Sobre tua beleza então questiono **E**
Que há de sofrer do Tempo a dura prova, **F**
Pois as graças do mundo em abandono **E**

Morrem ao ver nascer a graça nova. **F**
Contra a foice do tempo é vão combate **G**
Salvo a prole, que o enfrenta se te abate. **G**

2. Escolha do convidado

O processo de definição de um indivíduo com quem iria praticar os princípios de educação informal foi desafiador. Já era pressuposto: Crianças como entrevistadas iria prejudicar o andamento da atividade, por isso a escolha deveria ser executada considerando idade física e mental adequada para que o desfecho e desenvolvimento da tarefa tivesse conformidade.

A intenção do trabalho foi submeter um indivíduo ao processo de educação informal, no qual o possuínte da interpretação categorizada como precisa seria o aluno, onde como uma reprodução do trecho do filme nacional “O homem que copiava” representaríamos a ocupação da personagem Silvia e o acompanhante por sua vez, o personagem André.

Classifico como pertinente o ato de educar, onde o indivíduo que sabe, esclarece as dúvidas do menos instruído, porém, mesmo com a execução de várias pesquisas e infatigável leitura do soneto, considero que não atingi sua suma interpretação, e por isso, minha convidada foi uma respeitável professora que lecionou as aulas de português durante meu ensino médio, cri que, após muitos desafios de escrita e projetos estipulados na escola, ela poderia cumprir todas as etapas da atividade com perfeição e originalidade. Enfatizo que não foi minha intenção inverter os papéis, mas realizar um processo de educação informal no qual ambos sejam precursores da sua interpretação própria, permitindo a reprodução de uma conclusão elaborada, onde seríamos Silvia e André concomitantemente, concretizando a afirmação de Paulo Freire descrita no princípio dessa atividade.

3. Dados da convidada

Nome: M.H

Profissão: Professora Titular, Coordenadora de Projetos e Responsável pela Orientação e Apoio Educacional no Centro de Educação Tecnológica Paula Souza- ETEC Gustavo Teixeira

Formação: Graduação em Português/Inglês com respectivas Literaturas e Especialização em Letras-Área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa

4. Desenvolvimento

Confesso que considerei desafiador o fato de minha convidada ter formação em Letras com especialização em Teorias Linguísticas e Ensino, cheguei a pensar que não teria posicionamento sobre minha própria interpretação, considerando que minha formação comparada à dela, me proporciona menos conhecimentos aos métodos de interpretação de texto, portanto considerei minhas experiências adquiridas ao longo da leitura de livros de gênero poético, sem contar o sentido pessoal, que seria, neste caso, a paixão pela leitura e entendimento de poemas.

Sem mais, decidimos que o contato presencial seria dificultado devido compromissos pessoais e profissionais de ambos, dessa forma, realizamos contato via redes sociais e por meio de ligações, escrevendo ou falando de maneira a simular o máximo possível a presença, para que fosse possível captar as emoções e expressões necessárias para a análise.

Em decisão conjunta, lemos o texto considerando que seria a forma mais didática de iniciar a discussão, chamei atenção para o vocabulário empregado no soneto, resultando na elaboração dos seguintes tópicos:

- Quais são as influências do contexto histórico e cultural do período em que o autor está inserido?
- No processo de tradução do soneto de inglês para o português, quais as consequências estruturais?
- Quais as figuras de linguagem mais utilizadas no texto? De que forma elas auxiliam na sua análise global?

Contei à ela que a obra “Sonetos” foi publicada em 1609, e de acordo com algumas leituras, foi o último trabalho de Shakespeare, atentei também que é difícil definir o período de escrita do soneto 12 ou de qualquer outro do conjunto dos 154, já que alguns estudiosos afirmam que esses foram produzidos durante toda a sua carreira e destinadas a leitores particulares. Lembramos ainda que é característica da obra a meditação amorosa, procriação, efeito do tempo e morte, o que foi fator importante na interpretação do soneto 12.

Comentando sobre os processos de tradução, M.H. Disse que o principal desafio, é manter a mesma semântica e sintaxe, disse ainda que se pode perder o efeito das rimas, tendo de haver alterações nem sempre confiáveis para preservar a sonoridade do texto. Por fim consideramos utilizar a tradução de Ivo Barroso, a mesma apresentada anteriormente.

Manifestando conhecimentos sobre as figuras de linguagem, M.H. definiu:

São recursos não convencionais que o escritor cria para garantir maior expressividade a suas produções. Disse ainda que o conhecimento desses recursos, facilita a interpretação e sensibiliza o indivíduo que lê e interpreta a simbologia e beleza da linguagem.

Eu interroguei se predominava o uso de antíteses, até por que é a que mais expressa a passagem do tempo e mudança de estado, ela, por sua vez, confirmou, mas apontou o constante uso de metáforas.

Após essas considerações, facilitarei todo o processo de interpretação do soneto em um único discurso, agrupando as principais ideias desenvolvidas no diálogo, resumindo a fim de preservar o bom entendimento didático.

5. Análise superficial do Soneto XII de Shakespeare

O soneto retrata o passar das horas ;

Nota-se a presença de aliteração: repetição de consoantes que de certa forma reproduz a sonoridade do relógio;

Em: "E em noite horrenda vejo escoar-se o dia" percebe-se a aplicação de antítese (dia x noite), que simula a ação do tempo e mudança de estado;

Nota-se metáfora do tempo em "esvair-se a violeta" que atribui ideias de deterioração, envelhecimento e morte.

Em: "Quando vejo sem folha o tronco antigo", concluímos que expressa a efemeridade da juventude, com abstração no conceito de perda de poder atraído pela jovialidade. Interpretamos como "quando vemos anoso o indivíduo lasso";

Basta observar em: "feixe atado agora o vejo trigo" - Trigo – cor amarela, simboliza o Ouro = PODER;

Em: "Que há de sofrer do tempo a dura prova", concluímos que retrata as vicissitudes da vida, ou seja, os reveses que enfrentamos cotidianamente;

Em: "Contra a foice do tempo é vão combate, salvo a prole, que o enfrenta se te abate" concluímos que quando chegada a hora da morte, a vida poderá perpetuar ou prosseguir através dos nossos herdeiros, assim, há a possibilidade de "enganar" a ação do tempo, conseqüentemente, nesse contexto, a morte.

6. Conclusão

Em suma, a realização da atividade foi gratificante, tanto para o sustento físico quanto para o psicológico, considerando o conhecimento provido de ambas as partes. Assumo que a educação informal é de uso

cotidiano nas relações interpessoais, porém, afirmo que em tempo algum cogitei sobre sua importância. Os sistemas de educação atual, limitam a disseminação da carga de conhecimento em ambientes reservados para tal, não considerando a importância do provimento de cultura que possa ser adquirido num ambiente informal ou em situações corriqueiras do nosso cotidiano. Volto a lembrar que a disciplina de Introdução aos Estudos de Educação permitiu a percepção desta mudança, e acredito que para um aluno, que estude em prol da educação de qualidade e cogite estabelecer processos produtivos em posição de docente, incentive e financie o conhecimento extra, provindo das relações adquiridas em situações informais.

Para concluir, afirmo: não há interpretação correta e muito menos interpretação errada, o que há é a expressão das emoções da individualidade dos leitores. Sustento essa alegação embasado nas experiências obtidas na execução do trabalho, nas sábias afirmações de minha professora M.H, colaboradora nesta tarefa, e ainda na filosofia de Roland Barthes, que compreende que não há uma leitura correta, nem próxima da correta, o que importa, é soltar a trava da leitura.